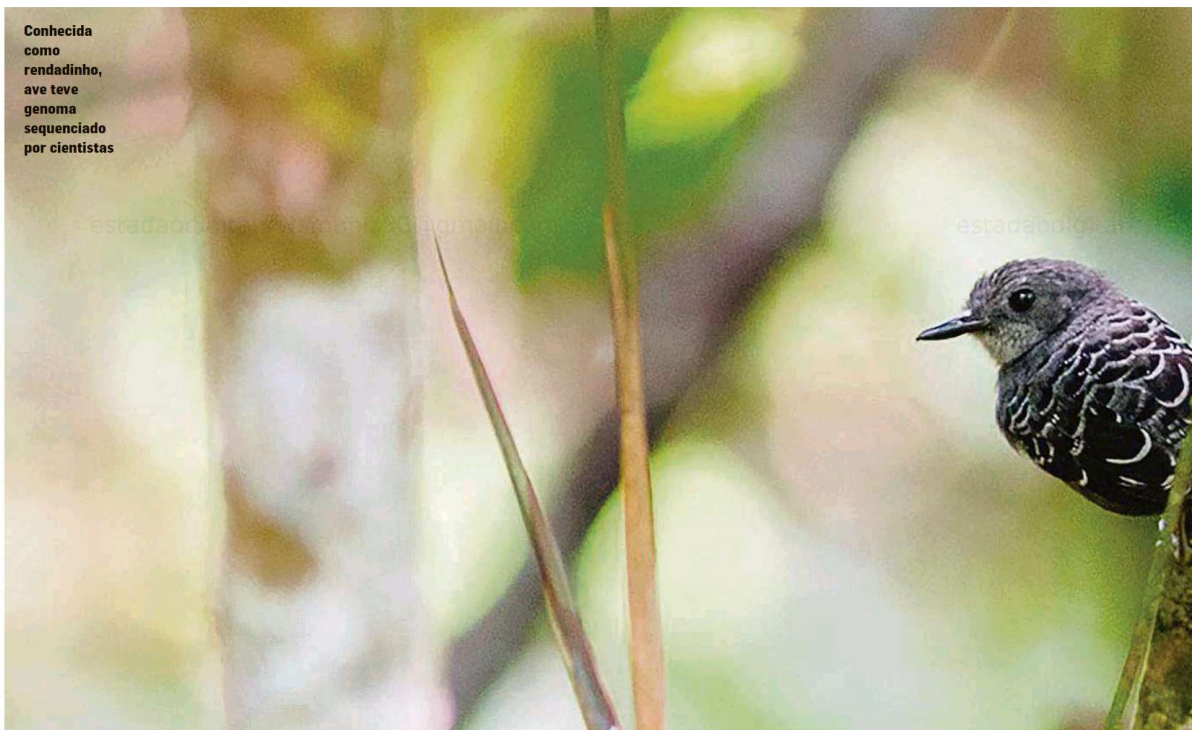




Conhecida como rendadinho, ave teve genoma sequenciado por cientistas



— *Estudo genético mostra como passarinho se adaptou a mudanças de clima e vegetação do bioma durante milênios*

A resiliência climática das aves da Amazônia

ALINE RESKALLA

A té que ponto vai a resiliência dos seres vivos diante das mudanças climáticas? Cientistas brasileiros, em parceria com colegas canadenses, utilizaram pela primeira vez o sequenciamento genético para estudar como esses fenômenos afetaram a população de um grupo de aves endêmicas da Floresta Amazônica.

Em um artigo publicado no mês passado na revista científica *Ecology and Evolution*, os pesquisadores mostram como linhagens de pássaros do gênero *Willisornis*, residentes no sul, sudeste e leste da Amazônia, têm menor diversidade genética e pa-

drões de flutuação populacional mais variados em relação a grupos de outras regiões do bioma.

Isso indica reduções bruscas no tamanho da população e fortes eventos de migração nos últimos milênios. Por outro lado, mesmo com baixa variabilidade genética, as populações do sul e sudeste da Amazônia foram capazes de resistir às perturbações climáticas na floresta tropical.

CÁPSULA DO TEMPO. Os pesquisadores sequenciaram o genoma completo de nove indivíduos pertencentes a diferentes grupos do *Willisornis*, um passarinho considerado bioindicador natural da floresta, endêmico da Região Amazônica, também conhecido como “ren-



dadinho” ou “formigueiro”.

Foram encontradas marcações nos genomas desses animais que, como se fossem uma “cápsula do tempo”, foram associadas aos períodos de expansão e retração natural da cobertura vegetal da Floresta Amazônica, em um intervalo de cerca de 400 mil anos.

Genoma marcado
Estudo abre caminho a novas investigações do efeito das mudanças climáticas e da cobertura vegetal na história genética dos seres vivos

“Esse estudo foi o começo. Temos mais de 150 genomas dessa mesma espécie ainda para estudar. Precisamos descobrir quais são os genes responsáveis pela resiliência, entender o que causa, tendo agora esse conhecimento de como a resiliência opera em nível genômico”, disse ao **Estadão**

Alexandre Aleixo, pesquisador do Instituto Tecnológico Vale (ITV-DS) e líder do estudo.

Ele afirma que, concomitantemente, a equipe está começando a trabalhar com espécies de plantas de valor bioeconômico na Amazônia, como a castanha do Pará, o cacau e o açaí. “Assim como as aves, são espécies muito sensíveis a essas questões de diminuição de chuvas na Amazônia e redução do tamanho da floresta, que nunca foi tão intensa.”

‘SANFONA’. Alexandre Aleixo explica que a Amazônia é como uma “sanfona”, que se expande e contrai dependendo do clima, especialmente as regiões sul e sudeste da floresta. Essa “faixa de sanfona” pas- ➤